Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

SOBRE O QUE SE TRANSMITE DE UMA VOZ

MAÍRA BARBOSA – barboramaira@hotmail.com

Resumo: Este trabalho busca pensar as interlocuções entre a ideia de voz e de transmissão para a psicanálise. Como parte da constituição subjetiva, a voz possui uma relação íntima com a transmissão, presentificando no sujeito o desejo daquele que transmite. Através de um recorte de caso, o texto aborda o silêncio como parte dessa passagem que faz marca.

Palavras-chave: Voz, transmissão, constituição subjetiva, silêncio, clínica.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

ABOUT WHAT IS TRANSMITTED BY A VOICE

MAÍRA BARBOSA – barbosamaira@hotmail.com

Abstract: This work seeks to explore the interrelations between the ideas of voice and transmission in psychoanalysis. As part of subjective constitution, the voice has an intimate relationship with transmission, making present in the subject the desire of the one who transmits. Through a case study, the text addresses silence as part of this passage that leaves a mark.

Keywords: Voice, transmission, subjective constitution, silence, clinic.

São Paulo
2025

Introdução

O senhor sabe o que o silêncio é?
É a gente mesmo, demais.

Guimarães Rosa

A prática clínica nos convoca a trabalhar com aquilo que está para além do que é dito. Esse dizer sem palavras comparece de forma inaudível, produz efeitos e nos leva a pensar na voz como presença.

Para a psicanálise, a voz seria aquilo que sustenta a linguagem, oferecendo terreno ao campo das palavras e intenção ao seu endereçamento. Ela está na base da constituição subjetiva, de modo que, para advir como sujeito, precisamos ter recebido a transmissão de uma voz que, ao mesmo tempo em que introduz a fala e as palavras, passa sua musicalidade, a textura do seu chamado e o tom de sua convocação.

Há, portanto, um efeito estrutural para o sujeito a partir da entrada da voz, permitindo que o infans - ser pré-linguagem - acesse a linguagem. Para que esse processo se instale, aquele que ocupa o lugar do Outro primordial, como por exemplo a mãe, precisa supor que há um sujeito do lado do bebê. A abertura deste outro ao campo da alteridade é essencial para a constituição subjetiva do infans e evidência como, além do efeito estrutural, há um encontro singular com este outro semelhante, que também dá forma a esta estrutura.

Acolhendo o grito do bebê ao nascer, esse outro materno, ao mesmo tempo em que registra a escuta, emite uma resposta, partindo do pressuposto de que há ali um ser falante a advir. Esta aposta dá início ao processo de subjetivação do infans, que, por meio de uma troca sonora, musical e afetiva com esse Outro, delineará os caminhos de sua introdução na linguagem.

A maneira como esse Outro endereça a linguagem pode despertar mais ou menos encantamento ao infans, produzindo efeitos singulares sobre o modo como ele será convocado.

Neste endereçamento, manifesta-se algo da transmissão: a condição desejante de quem transmite. Essa presença repercute diretamente na forma como o sujeito ingressará na linguagem e na maneira como fará uso da fala, pois a voz abarca não apenas a transmissão da linguagem, mas, aquilo que faz corpo, que compõe os afetos, oferecendo camadas ao que se transmite

Assim, se a voz, para a psicanálise, pode ser pensada como aquilo que convoca o ser antes da linguagem, seria a voz um dos lugares mais íntimos daquilo que se transmite? De que forma poderíamos ler esse efeito de transmissão na clínica?

A constituição subjetiva através da voz

"Há um corpo nascendo (...)
nasce sem palavra
na dobra do vento
no sussurro do início
quando tudo era outra coisa
nasce do silêncio
da casa em ruína
nasce das vozes
deixadas para trás
nasce da queda
de outro corpo"
Fernanda Leal

A voz desempenha um papel fundador na instauração do funcionamento psíquico, articulando o real do corpo do infans ao significante e, portanto, ao campo do simbólico. A partir daí, uma organização pulsional entra em funcionamento: a pulsão invocante.

Sabe-se que o sentido da audição está presente no bebê desde o quinto mês de gestação e que é através da troca dos sons intrauterinos e do ambiente externo, que seu corpo começa a ganhar contorno. Os discursos que cercam sua chegada e as expectativas dos adultos ao redor modulam a convocação que virá.

As primeiras manifestações do bebê – como o grito ao nascer-, quando escutadas e reconhecidas pela mãe como um endereçamento a ela, desencadeiam o processo de entrada na linguagem. Ao supor que no infans há um sujeito a advir, a mãe toma como demanda os sons produzidos pelo corpo do bebê e, assim, pode iniciar-se o processo de subjetivação.

Tendo como origem o próprio desejo, a mãe improvisa e antecipa um diálogo com o infans ao tomá-lo como sujeito. A improvisação materna, segundo Vivès, aproxima-se da improvisação musical, na qual o ato de improvisar se dá a partir de códigos previamente conhecidos. Ela não pertence completamente ao campo da surpresa, mas ao que pode ser previsto e, por isso, retomado e repetido. Dessa forma, a improvisação acolheria um "*imprevisto previsível*", partindo do idioma que nos foi transmitido, seja musical ou linguageiro. (VIVÈS, 2018b, pag. 32).

A improvisação da mãe faz, então, uso do que lhe foi transmitido para produzir uma "sonata materna", compondo uma melodia em que prazer e surpresa se fazem presentes. Essa musicalidade na voz da mãe entra em ressonância com o bebê, na medida em que comporta uma resposta singular àquilo que ela interpretou como demanda em seu no grito.

O canto materno – mistura de voz e linguagem – dirige-se ao bebê com desejo, buscando tocá-lo e convidá-lo à troca. Forma-se, assim, um duo musical na qual ambos experimentam o jogo de chamar e ser chamado, fortalecendo o laço entre o infans e esse Outro que o convoca como sujeito.

O tom destas convocações produz marcas no corpo do bebê, inscrevendo restos de palavras ouvidas. Ainda não há uma atribuição de sentido a esses sons, mas inscreve-se em sua carne a prosódia desse Outro.

A prosódia materna, sua musicalidade, convida o bebê a alienar-se ao campo da linguagem. Escolha que não se trata de um evento orgânico, mas sim de uma condição indispensável ao advento como ser falante, de forma que ao alienar-se ao campo do Outro, os ruídos passem de sons soltos no ar à condição de se estabelecer uma linguagem.

Este convite ao infans tem uma espécie de "*chamamento irresistível*" - algo que não reside no sentido, mas em uma convocação de corpo, uma afetação. Há, nessa musicalidade que o convoca, uma promessa de gozo sem limite, que conduz o infans a uma alienação ao desejo do Outro. (CATÃO, 2010).

O bebê é, então, capturado pela musicalidade da voz - aquilo que transcende o que é significável pela palavra. A convocação que se coloca em cena comporta, de forma inconsciente, uma pressão para que esse chamado musical seja aceito e instaure a pulsão invocante. O bebê se aliena ao campo do Outro num tempo mítico, em que os barulhos passam a ser reconhecidos como sons e música, abrindo-se a condição para uma escuta.

É necessário, porém, um corte nesse duo musical para que o aparelho psíquico se organize. O gozo da fala – pelo qual a mãe convocou e marcou o bebê – precisa ser interditado, instaurando uma separação. É essa separação que articula o real do corpo à linguagem, tornando possível o advento da fala. Esse cruzamento entre o real e o campo simbólico funda, ao mesmo tempo, sujeito e Outro.

A voz do Outro possui, assim, duas faces: de um lado a dimensão simbólico-imaginária da prosódia da fala materna, que convoca o infans a entrar na linguagem; de outro, o aspecto real da voz do Outro - a voz como objeto de gozo - que se impõe ao sujeito como uma voz absoluta. É a esse real da voz que se faz necessário o corte.

O infans deve, portanto, ao mesmo tempo alienar-se e ensurdecer-se a voz do Outro, podendo aceder a uma voz que lhe seja própria. Vivès nomeia essa operação de ensurdecimento como a criação de um *ponto surdo* - momento essencial de barreira à voz do Outro, cuja ausência acarretaria a invasão permanente desta voz, como se observa nas alucinações e delírios psicóticos.

Diferente do olhar, o ouvido não pode recorrer a desvios ou fechamentos para se proteger do que o acessa; assim, o ponto surdo é uma construção necessária para que o sujeito não fique tomado pela voz do Outro. Sua constituição apoia-se na operação de uma substituição metafórica que, segundo Vivès, *“visaria substituir a voz do Outro que chamou o bebê a advir pela voz do sujeito em vias de ser.”* (VIVÈS, 2018b, pag.18).

Essa separação pode instaurar a voz como enigma, já que ela deixa de ser absoluta, presentificando a alteridade. Ao se ensurdecer a essa voz originária, o bebê entra numa troca com o Outro, na qual, além de ser escutado e escutar uma resposta, também pode *se fazer chamar*.

Ser chamado, chamar e se fazer chamar são os três tempos do circuito da pulsão invocante. E é ao se fazer chamar que o sujeito pode se colocar diante do enigma do Desejo do Outro. Segundo Catão, o que faz o infans falar não é apenas o

estimulo sonoro ou musical, mas justamente este enigma do desejo do Outro que a voz veicula.

> "É a condição desejante do Outro primordial, condição que se organiza em torno do objeto da pulsão, que agencia o enlaçamento do organismo no simbólico. Desse modo, o essencial na voz do Outro materno é o que aponta sua incompletude, isto é, o que a mãe não diz. Se a voz se presta a ser contornada pela pulsão, isto se deve à sua dimensão de portar o inaudito." (CATÃO, 2006, pag.2)

Portanto, para se tornar objeto da pulsão, a voz deve ser perdida enquanto puro som, ficando sob o véu das palavras, na medida em que passa a ser endereçada a alguém. Ao acessar a fala, há uma perda da dimensão sonora da voz - porém isso não impede que ela continue a fazer efeito no sujeito em sua dimensão inaudível.

Aquilo que se transmite

O acesso à linguagem começa, então, pela incorporação da voz - daquilo que a musicalidade da voz do Outro transmite como significância, ou seja, da forma como se articula e estrutura a cadeia significante para o sujeito.

Se a voz se transmite através do desejo do Outro, podemos pensar que, além de fomentar a estrutura do aparelho psíquico, ela também passe algo da condição desejante daquele que a veicula, dando notícias de sua posição subjetiva e, portanto, transmitindo ao bebê marcas que vão reverberar em sua organização psíquica. O tom e a prosódia com que essa voz se endereça - produzindo no infans corpo e linguagem - pode comparecer nas articulações que o sujeito fará no uso da fala.

A experiência clínica nos oferece o material dessas passagens. Escutamos, na fala dos analisandos, o eco dessa voz que os convocou - restos de sons, gestos, palavras que foram tecendo sua rede fantasmática. E é por meio dessa escuta do

inaudível na transferência que podemos ler e refletir sobre o manejo clínico de cada caso.

O que circula sem ser dito em uma sessão fala da posição subjetiva do analisando, da sua fantasia e de seu inconsciente. Poder ouvir a expressão do silêncio, os efeitos da hiância entre os significantes, poderia ser pensando como um saber-fazer com a voz - esse elemento que antecede o dito e, ao mesmo tempo, compõe o dizer. Traremos, então, o recorte de um caso para pensar a relação entre voz, fala e transmissão.

Bia chega ao consultório, na maior parte das vezes, abatida e doente. Embora não falte às sessões, o desconforto com o espaço analítico é visível. Seus movimentos na poltrona, o enrubescimento facial, o desvio do olhar, os gestos de impaciência e incômodo, acompanhados de fortes respirações, evidenciam o quanto seu corpo toma conta da sessão mesmo à sua revelia.

O espaço em que se coloca a premissa de que se possa falar revela-se altamente ansiogênico, colocando em jogo um impedimento que, por vezes, se manifesta de forma direta, quando diz, poucos minutos após o início da sessão, que não quer mais falar.

Falar parece exigir um esforço físico, presentificando na cena analítica o corpo - este que, junto com a pulsão, serve de suporte à voz. Esse corpo, que dizia por ela, apresentava uma articulação entre a voz e o campo escópico, convocando e rechaçando o olhar da analista, numa espécie de luta com as amarras de seu silenciamento.

Ao nascer, Bia foi recebida por uma mãe que vivia um processo inicial de luto, devido ao falecimento recente de um familiar muito próximo. Sua vida foi marcada pelo impacto desta perda na estrutura familiar - embora não se falasse sobre o tema, permanecendo um assunto tabu.

Ao rememorar o convívio com a mãe na infância, aponta o silêncio como presença predominante em seu ambiente doméstico. Reconhece ter aprendido, muito cedo, a se adaptar a uma forma de velamento silencioso imposto à vida, procurando não dar trabalho e não contrariar sua mãe, com receio de lhe causar tristeza. Recorda que, ao pedir coisas ou falar demais, muitas vezes recebia um olhar reprovador ou indiferente.

O olhar materno porta aqui essa marca de censura - *"um olhar em que o sujeito se apaga na palavra"*, como diz Mauro Mendes. Essas duas pulsões, olhar e voz, unem-se a partir do supereu, produzindo um silenciamento no sujeito.

A construção de uma hipótese infantil de que o que dizia não tinha interesse, não tinha valor, passou a ganhar corpo. Logo, se viu cada vez mais apática, como a mãe, gerando um significativo empobrecimento de sua vida social e experimentando a textura de uma existência desafetada, como algo que "*só é*".

Qual o lugar da fala diante da leitura de um Outro desafetado pelo seu dizer? Como fazer um uso espontâneo da linguagem quando a condição para ter um lugar no desejo do Outro parecia ser justamente o sufocamento da própria expressividade? O espaço analítico surgia, assim, como um exercício de resistência a esse silenciamento que a embotava.

Evidente que havia uma forte reatividade ao convite da analista de que ela pudesse falar. A vulnerabilidade que a tomava era manifesta com hostilidade, demandando um manejo na forma como a fala circularia na sessão. Se falar vinha associado ao erro, ao julgamento e à constatação de não ter nada de interessante a oferecer ao Outro, o encaminhamento do trabalho clínico demandava a construção de um ambiente em que a troca pudesse se dar com afeto e interesse por parte da analista.

Assim, o manejo das sessões era recheado do uso de recursos da voz como, por exemplo, sons guturais que instigavam a fala e faziam frente ao silêncio opressor que a impedia de continuar. Esses recursos tinham função de acolher seu relato, demonstrar surpresa ou reconhecimento em relação ao que dizia, presentificando o corpo da analista em seu desejo de escuta e assim, produzindo um efeito na possibilidade de sustentar a continuidade de seu dizer.

A dificuldade na fala trazia a presença da voz em sua forma superegoica, na medida em que falar era assombrado pela eminência da constatação do seu desvalor diante do Outro - o que tomava seu corpo e a inibia. O trabalho de análise oferecia, então, o espaço para construir um contorno simbólico para esse real que a invadia. E foi a partir da possibilidade de narrar o silenciamento, que o silêncio - significante que caía com um peso determinante por si só - passou a transitar na cadeia discursiva. Ao lhe atribuir adjetivos, características e questionamentos, o silêncio passou a circular sem sua presença massiva no corpo, permitindo que a analisanda se experimentasse cada vez mais no discurso.

Este processo parecia retomar as estruturas de funcionamento do ponto surdo, fortalecendo e criando novos recursos a essa operação de barreira ao Outro ameaçador.

No prefácio do livro de Jean Michel Vivès, Didier-Weill aponta como a ideia de ponto surdo se configura como uma ação permanente, sempre a ser retomada pelo sujeito. Pensando neste trabalho continuo, ele propõe que essa operação não seja compreendida como a aquisição de uma surdez – que, uma vez estabelecida, poderia se manter por si só -, mas como a ideia *de um esquecimento do esquecimento*. O esquecimento se produz com a palavra, na medida que ela vela a voz; já a voz teria o efeito de transmitir *"um não esquecimento do ato pelo qual um esquecimento se produziu"* (VIVÈS, 2020, p. 10). Dessa forma, o campo da voz se alia ao manejo clínico em torno das incidências do Outro, podendo modular a efetividade do ponto surdo.

O recorte de caso nos ajuda a pensar os efeitos da transmissão da voz não apenas em relação ao lugar do Outro primordial, mas também quanto a este outro semelhante, que junto se encarrega de convocar o bebê. Segundo Mauro Mendes, os investimentos da voz materna na relação com a criança produzem marcas nas maneiras como ela poderá fazer uso da fala, tendo mais ou menos abertura e desembaraço. Aqui, temos o encontro de um o bebê recém-nascido e uma mãe atordoada por uma perda. A transmissão da voz deste Outro materno, ao mesmo tempo em que estrutura o sujeito, passa consigo uma prosódia atravessada por um abatimento significativo em sua capacidade desejante.

Embora, no caso de Bia, a convocação do Outro tivesse realizado a operação de entrada na linguagem, seu crescimento foi marcado pela transmissão de um luto, estendendo à família uma espécie de acordo entre o silêncio e o desinteresse pela vida. Tal marca ressoou como uma pergunta sobre o seu próprio interesse para os demais, colocando em xeque o valor de sua existência.

Transmissão e transformação

A psicanálise nos permite compreender que a transmissão ocorre de forma consciente e inconsciente, por meio das palavras e dos significantes, mas também pela simbolização das imagens, dos gestos e daquilo que não é dito. Muitas vezes, o silêncio e os segredos ressoam em alto som, perpetuando, de geração em geração, marcas nos vínculos familiares. O que se transmite oferece testemunho daquilo que tece nossos laços de vida, evidenciando a íntima articulação entre transmissão e voz, na medida em que ambas se vinculam ao desejo do Outro.

Se a linguagem estabelece um código, ao qual cada indivíduo deve se submeter para entrar na troca coletiva; a fala - que deriva deste aceite às regras do código -, apresenta uma vertente singular, podendo incluir a criação do sujeito e a transformação da língua a partir das novas produções de sentido. Assim, a transmissão opera entre as regras daquilo que está posto como universal e as possibilidades de uso que cada sujeito fará dessa transmissão.

Bia apresenta um uso da fala marcado por um impedimento. Essa barreira toma seu corpo e silencia. Seu trabalho de análise conta do lugar do silêncio em sua formação subjetiva - um silêncio que fez passagem. Calar-se era parte da cadeia que sustentava a possibilidade de, supostamente, atender ao desejo do Outro, buscando reconhecimento numa dinâmica afetivamente empobrecida. Acuada diante do possível retorno cruel deste Outro, com olhares julgadores e silêncios claustrofóbicos, a maneira como se expressava foi, ao longo dos anos, tomando a forma de sua fantasia.

Tecer uma narrativa em torno desse real do corpo que a assaltava, era necessário para que pudesse contá-lo e recontá-lo de outras maneiras. Pois para dar um lugar simbólico a isto que vinha do campo do Real, foi preciso ouvir a transmissão de um dizer sem palavras que gritava sua presença.

Segundo Paolo Lollo (2013), a psicanálise traz uma complexidade à ideia de transmissão, pois permite reconhecê-la como algo que escapa ao saber humano - sendo justamente neste ponto em que se encontra alguma coisa.

O autor destaca quatro modalidades de transmissão do saber:

Um saber que é transferido e pode ser medido; como os teoremas, a matemática e outras partes do real que encontram uma forma de representação simbólica.

Um saber que não pôde ser transmitido e que se perdeu, isto é, aquilo do real que está recalcado e bloqueia a transferência e o aprendizado, gerando estagnação.

Um saber que não pôde ser transmitido, mas que emergiu produzindo uma pulsão criativa. Um saber pulsante que tem lugar na passagem do Real para o Simbólico, produzindo algo singular a partir do que emerge do furo real na cadeia significante.

E, por fim, aquilo que ele destaca como a condição da transmissão de um saber: um saber que foi transferido, mas que não pôde ser medido. Um saber que está no real, é pulsante e se apresenta no processo de transferência. Trata-se de uma transmissão que pode não deixar rastro, mas que produz efeitos, sendo, por isso, paralela à causa da qualidade da passagem.

Retomemos então o trecho destacado por Porge do Seminário 5: *As formações do inconsciente,* de Lacan:

> “No significante plenamente desenvolvido que é a fala, há sempre uma passagem, isto é, algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados, e que por natureza são fugazes, evanescentes. É essa passagem de um para outro que constitui o essencial do que chamamos cadeia significante. Essa passagem, como evanescente, é justamente o que se faz voz.” (PORGE, apud Lacan, p.48, 2012)

A voz seria, então, aquilo que não se reduz ao significante, mas que é essencial à sua articulação, como o que sustenta a passagem. Há algo, na formação da cadeia discursiva de cada sujeito, que passa um saber inconsciente através da voz: um saber do campo do real, marcado por uma transmissão. Trata-se, portanto, de um saber que foi transmitido, mesmo sem poder ser medido.

A escuta analítica é composta por esse material evanescente, por essa voz silenciosa que enoda a cadeia discursiva. É pela escuta da transmissão dessa fala sem palavras que podemos acessar os entreditos.

No recorte deste caso, a transmissão da voz materna trazia consigo a presença de um luto - uma perda que abalava as estruturas familiares e que comparecia na forma como aquele bebê podia ser reconhecido. A prosódia materna, ao convocar o infans para a vida, carregava também o abatimento de sua capacidade desejante, próprio aos processos de luto. Na transmissão desta voz, atravessada por essas marcas, dá-se a passagem de traços que constituem a subjetividade da analisanda.

Isso que passa, que se transmite, que produz eco no corpo do sujeito, está atrelado à voz. E se a voz é o que sustenta a passagem da narrativa que cada sujeito fará para contar de si, é também através dela que essa transmissão pode se abrir à transformação.

Para Lollo, a transmissão pode ter a presença de um norteador clínico, movimentando uma dinâmica que enlace repetição e criação, no intuito de deslocar o sintoma e introduzir algo de imprevisível ao discurso que se abre ao inconsciente. *"O saber é singular porque é produzido em grande parte por aquele que o recebe."* (LOLLO, 2013).

Isso nos coloca diante do fato de que a transmissão apresenta um movimento de mão dupla: é preciso aprender a receber o que nos é passado, assim como criar aquilo que não pôde ser recebido – produzindo, a partir daí, algo novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATÃO, Inês. - *Do real do barulho ao real da voz: a música do inconsciente e seus impasses.* Artigo apresentado no Colóquio de Ceresy. França, 2010.

-*Do som à música, da música à voz: os passos da fundação do sujeito.* Artigo apresentado no VI Encontro nacional sobre o bebê. São Paulo, 2006.

LOLLO, P. *Psicanálise e transmissão do saber*. Rio de Janeiro: PePsic – Trivium Vol. 5, 2013

MALISKA, M.E., *A voz na psicanálise*. Curitiba: Editora Juruá. 2015.

MENDES, M. D. (Org.) *A voz na experiência psicanalítica.* São Paulo: Zagodoni Editora. 2015.

- Seminários no Instituto Vox de Formação e Pesquisa em Psicanálise.

PORGE, E. *Voz do Eco*. São Paulo: Mercado das Letras, 2014.

SANTOS, V. e GHAZZI, M. *A transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Scielo Brazil, 2012.

VIVÈS, J.M. - *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Conta Capa. 2018.

-*Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2018b

-*A voz no divã*. São Paulo: Aller Editora, 2020